

dera a iniciativa apenas simbólica. “Simbolicamente, eu fiz o ato. Mas, na prática, o presidente Sarney e o ministro aceitaram formalizar a volta e incluí-los na folha de pagamento. Trouxemos todos de volta, quase 200 professores que haviam sido demitidos no início da ditadura e, mais adiante, em outros momentos de expurgo.”

Boa parte deles havia sido escolhida por Darcy, e muitos se aposentaram pouco depois do retorno. Para Cristovam, a reparação pessoal pesou menos do que o significado para a instituição. “Foi o reencontro da universidade consigo mesma, com a sua origem.”

A UnB que ele pretendia reerguer não seria organizada apenas por departamentos. Na mesma gestão, criou o Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), com núcleos que reuniam pesquisadores de diferentes áreas em torno de problemas da realidade brasileira. “Ninguém pode pensar a fome como nutricionista”, exemplifica. “A fome é um tema que exige economistas, agrônomos, psicólogos, cientistas políticos.”

Um desses núcleos, o de Estudos do Brasil Contemporâneo, era dirigido pelo próprio reitor. Por volta de 1986, o grupo discutia como levar à escola as crianças que nunca tinham se matriculado — cerca de 30% do total à época, segundo estimativas dele. A saída que ele propôs era direta. “Elas estão fora porque a família é pobre. Então, a família precisa de dinheiro. Dê dinheiro à família para que a criança estude.” A quem achou a proposta cara demais, respondeu na hora. “Eu mesmo peguei um papel, fiz as contas e mostrei que aquilo era pouco.”

A ideia ficaria no papel por quase uma década. Não seria a única.

A gaveta

O professor Lauro Morhy cuidava do vestibular da UnB quando apresentou ao reitor uma proposta: em vez de uma prova única ao fim do ensino médio, uma avaliação ao término de cada série, com a nota acumulada definindo quem entra. É o modelo seguido pelo PAS até hoje.

Cristovam diz que o encanto não veio da promessa de ampliar o acesso. “Confesso que o meu primeiro deslumbreamento não veio disso: facilitar a entrada. Veio disso: fazer os meninos estudarem ao longo dos três anos, não só no final, no cursinho.”

A universidade, segundo ele, não tinha como arcar sozinha com

os custos. O reitor levou a proposta ao governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, nomeado por Sarney em uma época em que a capital ainda não elegia seus governantes. “E o José Aparecido não se interessou”, relata. Cristovam afirma que o Ministério da Educação (MEC) também “sempre teve resistência” à avaliação seriada. O mandato na reitoria terminou em 1989, e a proposta foi para a gaveta.

Nos cinco anos seguintes, Cristovam permaneceu como professor da UnB e ingressou no PT, partido pelo qual se elegeu governador do DF em 1994.

Quatro reitores

Em janeiro de 1995, Cristovam assumiu o Palácio do Buriti, e as duas ideias voltaram com ele. A primeira tinha ganhado nome na campanha. “Ninguém ia votar numa proposta chamada Renda Mínima Vinculada à Educação”, diz. Virou Bolsa-Escola, implantado no primeiro ano de governo e base do programa federal de mesmo nome, criado em 2001, e, mais tarde, do Bolsa Família.

Para a segunda, decidiu iniciar o mandato com uma visita à UnB. Professor da casa tratava o reitor como chefe. “Meu primeiro gesto vai ser visitar o meu patrão, que é o reitor”, recorda. Na conversa com João Cláudio Todorov, reitor entre 1993 e 1997, Todorov propôs retomar a sugestão de Morhy, que, na época, se chamava “vestibular seriado”. “O Todorov aceitou na hora. Se não fosse a ideia do Lauro Morhy, se não fosse o Todorov, não teria acontecido.”

O então secretário de Educação do DF, Antônio Ibañez, reitor entre 1989 e 1993, também aderiu. Cristovam gosta de lembrar a coincidência: quatro reitores estiveram envolvidos na trajetória da avaliação seriada. Dois já haviam deixado o cargo, um estava em exercício e o quarto, Morhy, comandaria a UnB entre 1997 e 200

Na divisão de papéis que ele

descreve, a ideia foi de Morhy, a decisão, de Todorov, e a articulação política, dele próprio. É a mesma versão que ele registrou em artigo publicado no **Correio** em 2020. Morhy morreu em 2016.

No caminho, o vestibular seriado virou Programa de Avaliação Seriada. Cristovam não sabe quem fez a troca, mas aprova: para ele, a palavra “vestibular” pesa sobre o estudante. O novo nome acompanhava uma nova lógica. Em vez de concentrar o futuro do aluno em uma única maratona de provas, o PAS distribui a avaliação ao longo das três séries e transforma todo o ensino médio em preparação. A primeira prova foi aplicada em 1996.

O parto

Em 1999, os primeiros 991 aprovados pelo PAS ingressaram na UnB. Cristovam tinha deixado o Buriti pouco antes, após perder a reeleição para Joaquim Roriz. Daquele momento, guarda pouca lembrança. “Devo ter sentido uma grande emoção, mas confesso que não me lembro”, admite. Não tem dúvida, porém, do lugar que o programa ocupa na própria trajetória. “Eu senti como um filho meu, embora a ideia fosse de outro. A ideia era do Lauro. Eu fiz o parto.”

Um sinal de que o programa cumpria o que prometia veio do banco do passageiro. Fora do governo, Cristovam costumava dar carona no seu Fusca. Um dos passageiros, um adolescente, era filho da ex-deputada Maria Laura, amiga do ex-governador. Quis saber o que o rapaz achava do PAS. “Ele disse: ‘É, mas a gente tem que ralar muito.’ Foi para isso que o PAS foi criado: para você ralar os três anos.”

Modelo não virou lei

Outras instituições, como a Universidade de Pernambuco (UPE) e a Universidade Federal do Amazonas (Ufam), criaram processos seriados próprios. Mas

“Eu senti como um filho meu, embora a ideia fosse de outro. A ideia era do Lauro. Eu fiz o parto.”

“O Todorov aceitou na hora. Se não fosse a ideia do Lauro Morhy, se não fosse o Todorov, não teria acontecido.”

bandeira pesou na volta à disputa. “Essa é uma das razões que me atraíram de volta à vida política.”

O gargalo

Trinta anos após a primeira prova, o PAS soma 53.189 aprovados e, desde 2017, responde por metade das vagas de graduação da UnB. Cristovam não previa tanto. “Confesso que não imaginava 53 mil. Na minha cabeça, seriam uns 30 mil”, diz. “Mas espero viver para ver chegar aos 100 mil.”

Um dos primeiros aprovados, Daniel, personagem da série do **Correio** sobre os 30 anos do programa, resumiu o limite do modelo: “Se tivesse nascido em outro CEP, provavelmente não estaria dando essa entrevista”. Cristovam concorda. “Claro, essa é a grande verdade.” E dimensiona o funil. “No ano passado, nasceram 2 milhões e meio de brasileiros e brasileiras. Desses, eu calculo que, no máximo, 400 mil vão chegar aos 18 anos com uma boa educação de base, capazes de disputar uma vaga nas melhores universidades, nos melhores cursos.”

A UnB foi a primeira universidade federal a adotar cotas raciais, no vestibular de 2004. No PAS, a reserva de vagas foi adotada 10 anos depois. Quando Cristovam era reitor, segundo ele, a pauta nem chegou à reitoria. Hoje, defende as cotas como forma de corrigir uma disputa desigual. “Se a bola é redonda para todos, a gente escolhe os melhores. Agora, se o rico jogasse com bola redonda e o pobre com bola quadrada, aí eu defenderia cota.” A meta, para ele, é outra. “A verdadeira pauta é que 100% terminem um bom ensino médio, com a máxima qualidade. Essa é a cota de que o Brasil precisa.”

Um dia sem o PAS

Ao estudante de escola pública que vai prestar o PAS neste ano, o conselho é ir além da sala de aula. “Estude ao máximo. Não fique só no que o professor manda você estudar. Converse com alunos mais velhos que passaram no PAS e veja o que eles fizeram. Visite a UnB para ficar com mais vontade.”

Cristovam diz que segue na luta para que, um dia, o programa que ajudou a nascer se torne desnecessário. “Que o PAS vire nacional e as escolas sejam boas e iguais, até o dia em que não se precise nem do PAS. Basta a nota da escola.”

***Estagiário sob a supervisão de Ana Sá**